

DOCUMENTOS PARA O ENSINO

A CIDADE DE SETÚBAL

Fotografias aéreas verticais 164, 165 e 166, ampliadas das da escala 1:12500, do rolo 5621, de 1957, do I. G. C.

Apresenta-se hoje nesta rubrica uma cidade através da fotografia aérea. O estudioso, a quem se destina, deverá ter em conta que, se a fotografia aérea é apenas um elemento do método geográfico de análise das paisagens, quanto a cidades revela-se particularmente insuficiente. Com a consciência, porém, das limitações que lhe são próprias, o seu manuseamento é de inestimável valor. Através dela pode passar-se do contacto directo com uma cidade — confrontando-o, de resto, com as fontes de informação disponíveis — para a visão de conjunto, donde se parte para a síntese interpretativa.

O móbil de estudo imediato é o da organização do espaço urbano. As estruturas, de alcance mais vasto, solicitam paralelamente uma pesquisa aprofundada noutro sentido, pois elas integram também os aspectos de quantidade e de distribuição qualitativa dos homens, dos quais a Geografia — como ciência de lugares — não pode alhear-se. Reflexo e motor de sociedades criadoras de paisagens, constituem objectivo de estudo mesmo dentro da óptica geográfica, garantindo-lhe a *verificação* dos factos humanos, que se exprimem no arranjo do território, e sem a qual a metodologia que conduz à *interpretação* é necessariamente incompleta. Mas a fotografia aérea coloca-se restritamente no caminho da definição da paisagem como forma e não como significado funcional num conjunto mais vasto. Remata, como dissemos, a «exploração» da cidade e das fontes bibliográficas de que deverá continuar a valer-se sempre que surjam novas dúvidas. História o espaço, que se organizou ao longo dos séculos, de uma forma legível para o geógrafo, e cuja evolução é marcada não através das datas precisas mas das épocas que se definem pelos conceitos urbanos e pela arquitectura das realizações. A «leitura» dessa história será contudo retalhada de incertezas e de hipóteses que colocarão o pesquisador em face de linhas de investigação complementares que nos não compete aqui abordar.

A escolha de Setúbal não foi ocasional. Trata-se de uma cidade cuja observação, através da perspectiva no tempo, se torna particularmente difícil. A sujeição aos sismos, que o seu sítio lhe determinou, repercutiu-se em amplas lacunas de casario, o que torna precária a interpretação objectiva do seu decurso cronológico. Segundo PEREIRA DE SOUSA, Setúbal, em 1755, «foi a cidade de Portugal onde os efeitos dos abalos foram relativamente mais desastrosos», arrasando cerca de metade da vila, onde depois grassou o fogo e o mar entrou, derrubando parte das muralhas. E o mesmo autor salienta que, em 1858, em consequência do enorme terramoto cujo epicentro se localizou próximo desta cidade, grande parte dos seus prédios foram de novo reconstruídos.

Por isso o recurso à fotografia aérea e a plantas antigas se avoluma em importância, apesar das suas insuficiências intrínsecas. Reduzem-se a elas as fontes mais válidas de informação geográfica relativas à morfologia urbana, cujas linhas de síntese não podem deixar de inspirar-se na teoria geral do estudo das cidades.

I — EM TORNO DA OBSERVAÇÃO DA CIDADE E DAS FOTOGRAFIAS NA ESCALA 1:5000.

O conjunto de fotografias estereoscópicas apresenta um caso urbano do litoral português: a cidade portuária de Setúbal, localizada num recesso abrigado da costa da Arrábida e à entrada da barra do Sado (fig. 1). Entre colinas de terrenos detriticos terciários — correspondentes à individualização, pela rede hidrográfica actual, de retalhos de níveis desenvolvidos naquelas formações (fig. 2) — estende-se uma ampla superfície de cotas inferiores a 10 metros, abatida no sentido norte-sul e fechada ao norte por pequenas elevações que prenunciam o levantamento do morro de Palmela. Nela se encontra o troço terminal da ribeira do Livramento, num vale escancarado e de leito traçado caprichosamente em direcção ao centro da baía. As portas da cidade desaparece sob aterros que ganharam, a partir de certa altura, terra firme ao sapal que a orlava, em contacto com a praia de areias do estuário. A insalubridade decorrente deste facto e a fragilidade tectónica da depressão, que assume particular sensibilidade aos sismos dos tempos históricos ⁽¹⁾, não pesaram negativamente no enraizamento de Setúbal na baía. Foi esta, pelo contrário, que a atraiu em detrimento das posições alcandoradas em que medraram cascos de povoações medievais, desenvolvidas pela protecção assegurada por um castelo: tais foram, na região, os casos de Palmela e do castelo de Sesimbra. Mas, exactamente como a vila nascida à sombra do último, Setúbal ligou-se, pela vocação dos seus homens, aos recursos do litoral, e neste alheamento da serra se vincou o timbre da sua origem obscura e humilde, como a de todo o povoamento periférico à Arrábida — vivendo, na

⁽¹⁾ «No campo do senhor do Bonfim, que é maior que o terreiro do Paço (de Lisboa), rebentaram dez olhos de água» em consequência do de 1755. P. DE SOUSA, obra citada na Bibliografia, p. 819.

falda norte, dos recursos do solo e, na sul, dos do mar. A própria edificação, muito posterior, do castelo de S. Filipe, que ajudava a defender o acesso da barra, não exerceu qualquer atracção no povoamento.

E, pois, a orla costeira dessa extensa planície baixa, no sopé do conjunto arquitectónico da serra, que constitui o sítio de Setúbal. Apenas durante a Idade Média se concentrou aqui, como pequena

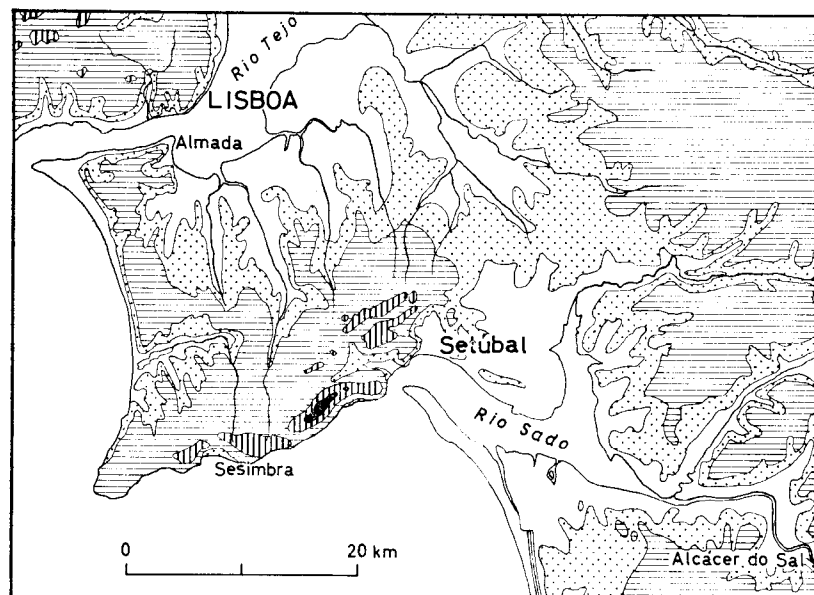


Fig. 1 — Situação de Setúbal na península da Arrábida.

1 — Altitudes inferiores a 25 metros; 2 — Altitudes compreendidas entre 25 e 50 metros; 3 — Entre 50 e 200 metros; 4 — Entre 200 e 400 metros; 5 — Superiores a 400 metros.

aglomeração piscatória, e conheceu o primeiro surto urbano, baseado sobretudo na exportação de sal do estuário do Sado ⁽²⁾. O seu núcleo justifica-se assim pelo reflexo da importância da função portuária na antiga aldeia de pescadores que acabou digerida por ela.

A observação estereoscópica deste núcleo induz-nos facilmente em erro: não se trata de um xadrez de curtas e estreitas ruas rectilíneas,

⁽²⁾ Já «D. Dinis reconhecera à Ordem de Santiago 'o direito do sal que no dicto logo de Setúbal e d'alcaçar carregavam e tiravam pella dicta ffoz' do rio que vem de Alcácer contra o mar». V. RAU, obra citada na Bibliografia, p. 45.

mas, pelo contrário, de uma grosseira quadrícula de ruelas tortuosas que a planta, pela pequenez da escala, torna difícil aperceber ⁽³⁾. A sul, um outro elemento da cidade — a Ribeira — corresponde ainda à primeira fase de desenvolvimento urbano e estende-se entre a direcção dos largos da Misericórdia (IV) e do Bocage (VI). Se o núcleo se centra numa diminuta praça (I), a Ribeira centra-se numa outra, que ainda hoje se designa por Largo da Ribeira Velha (II) e que comunica, a norte, com uma pracinha rectangular idêntica à primeira (V). Supomos que ela foi o *terminus* da via urbana (a) que se desenvolve a partir do Largo do Poço do Concelho (III) e que é um dos mais importantes eixos de comércio local.

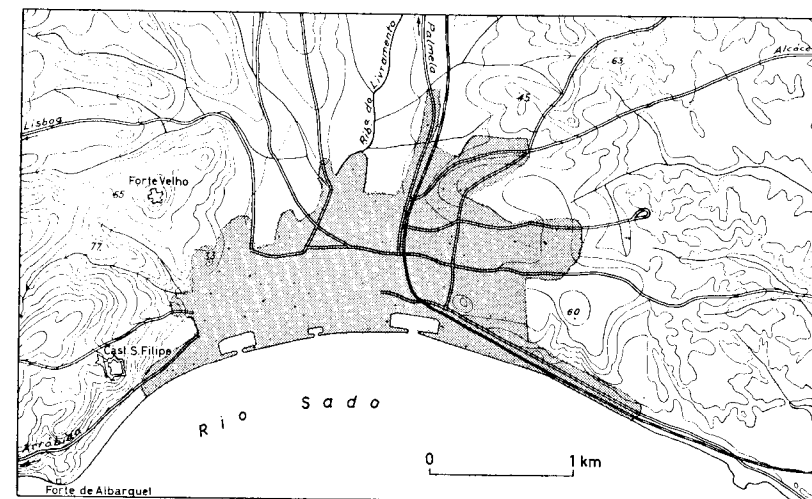


Fig. 2 — O sítio da cidade e as vias de comunicação que dela irradiam (extraído da *Carta Militar de Portugal* na escala 1:25 000; equidistância das curvas: 10 m).

Esta rua e a b são as únicas que, à escala da fotografia, se vê não serem rectilíneas. Não é improvável que o amplo traçado das suas secções circulares decalque em parte a periferia, defendida outrora por cerco, do núcleo central da cidade. No conjunto definem, *grosso modo*, um Y cujos ramos separam duas fases urbanas sucessivas. A primeira corresponde à época medieval, como acabamos de ver: é a primitiva vila, orlada a sul por sapais e constringida a oeste pela ribeira do Livramento, ao longo da qual eles se projectavam no interior, até ao Bonfim. A segunda, que se estende amplamente sobretudo para leste e oeste, corresponde a uma nova época que foi marcante na vida de

⁽³⁾ Este tipo de quadrícula não é raro em aglomerações medievais, nomeadamente na costa portuguesa, quando, como neste caso, a topografia ou a herança de paradigmas culturais urbanos não conduz a uma maranha inextricável.

Setúbal: a que se desenvolve a partir do Renascimento até ao período barroco ⁽⁴⁾. A planta que lhe corresponde é a de um xadrez alongado em função da linha de costa, com ruas rectilíneas desenvolvidas nesse sentido e curtas e estreitas travessas que, a miúdo, se cruzam com elas. O conjunto é demasiado regular para se conceber um crescimento espontâneo, como se adivinha ter sido o de norte. Aliás, ao estender-se sobre o terreno ganho aos sapais, a vila dispôs de uma organização voluntária do seu espaço, o que pressupõe um plano de acção e de coordenação. Dois marcos permitem conceber a época das edificações sobre aterros: a igreja manuelina de S. Julião (A), de fachadas rematadas no século XVIII, como forma de remediar os efeitos de um dos muitos terramotos que apoquentaram a cidade; e o convento de Jesus (B), à entrada do Bonfim, de traça arquitectónica também manuelina, estabelecido longe da cidade buliçosa, como sucede frequentemente nas fundações monacais.

Assim se começa a desenvolver a área em torno do Largo do Sapal, o primeiro que transcende, pelas dimensões e sobretudo pela característica de irradiar múltiplas ruas, o significado da praça medieval subordinada apenas a uma delas, quando não concebida como seu simples alargamento. A forma do largo e a época de construção da igreja permitem datá-lo, quando muito, dos fins do século XV ou começo do século XVI e ligá-lo a uma possível influência renascentista mal integrada, aliás, no conjunto. Marca, de um modo pioneiro, os novos rumos de desenvolvimento de uma vila que se habituara a crescer na terra plana e baixa com indiferença pelas condições estratégicas dos cerros envolventes. Mas as preferências humanas, com alheamento das vocações naturais dos sítios, nem sempre resultam: a igreja de Santa Maria da Graça, que era matriz no início do século XVIII e de construção recente (herdeira embora da primeira paróquia), suplantava na altura a de S. Julião, em consequência, por certo, das atribulações que os terramotos causavam a esta, pela posição que ocupava nas aluviões da ribeira do Livramento.

Os terramotos poderiam explicar localmente a ampla lacuna de edifícios erguidos entre os séculos XVI e XVIII, no que contrasta com a concentração maciça, sobretudo durante o último, na área em torno da igreja de Santa Maria da Graça (C). Aqui se encontram, com frequência, casas apalaçadas do século XVIII — índice do carácter de residência fidalga que a Setúbal continuava a caber pela proximidade em que estava da Corte —, enquanto ali elas faltam, ou porque de facto evitassem fixar-se lá ou porque os cataclismos as varressem. O panorama traçado pela documentação relativa a Setúbal na obra de PEREIRA DE SOUSA não nos permite afirmar com segurança este facto,

(4) Segundo VIRGINIA RAU, a exportação de sal começa a ser regulamentada apenas a partir do século XVI, tendo-se chegado, com D. Sebastião, a uma verdadeira política nesse sentido. Conforme menciona JORGE DE MACEDO na obra citada na Bibliografia, em vez de declinar com o advento dos Descobrimentos, como aconteceu à maior parte dos antigos portos de cabotagem medieval, Setúbal, com o Porto, Viana e Lagos, manteve excepcionalmente a situação privilegiada de organizar o seu próprio comércio à escala internacional, apesar do gigantismo portuário da capital próxima.

pois apenas uma freguesia — desenvolvida na extrema ocidental da cidade sobre os calcários jurássicos e mais tarde incorporada na Anunciada (Troino) — se menciona como relativamente afortunada. Tanto a freguesia de Santa Maria da Graça como a de S. Julião foram atingidas com violência. Mas se a primeira ficou apenas com cerca de metade dos seus fogos, a segunda ficou na maior parte destruída, tanto mais que, em consequência do incêndio que se seguiu ao terramoto, arderam três ruas: Rua Direita dos Mercadores (que supomos ser equivalente à dos Ourives), a dos Caldeireiros e a das Canastras ⁽⁵⁾.

Entretanto, a muralha seiscentista, cujo perímetro se reconstituiu por traços das suas inconfundíveis ruínas, cingia o espaço urbano com amplitude suficiente para garantir-lhe desenvolvimento mediato. Ao procurar, por motivos estratégicos, as elevações das cercanias, o seu contorno definiu-se aproximadamente como um vasto rectângulo em que a orientação de costa continuava a prevalecer. Integrava, dentro dela, um conjunto que, no século XVIII, ainda segregava da vila os bairros arrabaldinos de Palhais, a leste, e do Troino, a oeste, que ocupavam paradoxalmente posições alcandoradas nas baixas colinas laterais à planície. Na vila concentravam-se a burguesia e a nobreza, directamente ligadas, de forma mais ou menos aparente, ao movimento comercial do porto. Em Palhais e no Troino habitava decerto o povo miúdo — pescadores, salineiros e descarregadores de terra e mar. A traça actual do último destes bairros parece demasiado recente e a sua posição demasiado longínqua para poderem corresponder às primitivas. Aliás, perto do local do Convento de Jesus, existiram salinas — até à altura em que os aterros libertaram Setúbal do anel pantanoso que, pelo norte, noroeste e sul, a constrangia. Eram as salinas do Troino ⁽⁶⁾. Com os aterros e a implantação da área polarizada pelo Largo do Sapal, o Troino foi «empurrado» para a extrema oeste da muralha, acabando por se desenvolver aí até extravasar para fora de muros. O espaço existente entre ambos colmatou-se através de uma organização que lembra a planta pombalina da Baixa de Lisboa e que lhe não é anterior, antes por certo procedente dos mesmos motivos, pois ao Marquês interessava o destino da opulenta vila salineira ⁽⁷⁾. Mas, em vez de se desenvolver perpendicularmente ao litoral, fê-lo segundo a sua orientação. Como na Baixa lisboeta, contudo, verifica-se a dependência de uma praça que neste caso os sucessivos aterros foram tornando interior.

Os três elementos tradicionais de Setúbal — Palhais, Vila e Troino — relacionavam-se entre si por intermédio da longa via desenvolvida entre as praças III e VII. A primeira secção (a), a leste do Largo do Sapal, manteve a função de veicular os produtos do interior rural até ao centro nevrálgico da cidade, mesmo após a constituição de um eixo de comércio de artigos supérfluos (c). A segunda, que se designa por Rua Direita do Troino, dirige-se ao Largo da Fonte Nova (VII), que ocupa a posição central do bairro. Supomos, aliás, que a zona mais

(5) P. DE SOUSA, p. 824.

(6) A. LOUREIRO, p. 26.

(7) P. DE SOUSA, p. 818.

antiga deste é a que se observa a sul, outrora em contacto com a praia, pois é mais arcaico o casario e aí se encontra a igreja da Anunciada, de traça nitidamente barroca. Além disso, a toponímia das ruas a oeste e a norte do Largo da Fonte Nova conserva designações que sugerem a conversão tardia da periferia rural em espaço urbano: por exemplo, Rua das Amoreiras, Rua das Oliveiras, Rua da Herdade.

Quanto à *Rua Direita* do Troino, supomos ser, pela continuidade relativamente a *a*, um elemento recente desta, que teria sido de facto a rua direita da vila. PEREIRA DE SOUSA refere-se à existência de uma *rua direita de mercadores* que o incêndio de 1755 destruiu, mas supomos corresponder essa à actual Rua dos Ourives (*c*), e não àquela, talvez por há muito ter perdido a função de rua directa ao mercado em consequência da importância do comércio urbano. A primitiva Rua Direita nascera no Largo do Poço do Concelho (III), do contacto mais fácil com a periferia rural, produtora de géneros imprescindíveis ao consumo da cidade. Era aí, aliás, que nela penetrava a estrada de Alcácer, onde vinha dar a de Palmela, correspondente à que FERNANDO GARCIA designa por via Sado-Tejo. Partia daqui em direcção à Moita e tinha importância — aliás restrita — no século XVIII. O traçado é sublinhado pela orientação do caminho de ferro, que atinge Setúbal em fins do século XIX, e, em vez de se constituir à sua ilharga — delimitando-lhe nova área a utilizar no sentido lateral —, penetra na orla da cidade barroca que confina a leste com a nesga planáltica de 40 metros. A pequena escarpa intermédia e aquela que corresponde à arriba das Fontainhas são atravessadas em túnel pela via férrea do Barreiro ao Alentejo e Algarve. Em Setúbal, a sua passagem origina três estações, escalonadas de norte para sul. Elas definem um sentido de crescimento que apenas lentamente se foi e continua desenvolvendo.

A estação velha, pela distância a que ficou da cidade e por se ter gerado numa época sensivelmente estacionária da economia e da demografia de Setúbal, suscitou um medíocre e lento surto de edificações nas proximidades: quase um século decorreu antes que estas organizassem o território intermediário entre ela e a vila, pelo sacrifício das quintas com as quais confinava, a norte. A estação do Quebedo, desenvolvida à ilharga de Palhais, e a das Fontainhas, fora do território urbano de então, suscitaram enquistamentos que projectaram para sudeste o crescimento urbano do final do século XIX. Os bairros são de características que se revelam à observação directa como nitidamente populares, de casario entremeado de fábricas, predominantemente de conservas de peixe, que se concentraram em Setúbal a partir de 1880 até ao apogeu, no primeiro quartel do século XX, a que se seguiu um rápido declínio⁽⁸⁾. Da mesma época é certamente o crescimento do Troino e a sua expansão para fora das muralhas. Em qualquer dos casos, a população que se concentra é sobretudo operária; e se o Troino não evidencia o afluxo de empresas fabris à

(8) A crise desta indústria teve aqui, como nos velhos portos de pesca que se socorriam amplamente da sardinha, um declínio intimamente ligado à escassez deste peixe. Citamos, por exemplo, RAFAEL MONTEIRO, que a aprecia em *Notícia Breve sobre o Pescador de Arrasto*, Sesimbra, 1953.

sua área residencial foi porque a orla da baía, junto ao porto de pesca, dispunha de espaço onde a instalação das mesmas podia efectuar-se. A área fabril urbana é, pois, a que se define a sudeste, em promiscuidade com o casario; e a sudoeste, junto à doca dos pescadores, independentemente dele. Com o caminho de ferro, mas sobretudo com a indústria conserveira, surge, pela primeira vez na cidade, um operariado numeroso. O seu valor quantitativo, porém, não se repercute proporcionalmente no crescimento da área de habitações porque, fazendo grande apelo à mão-de-obra feminina e à matéria-prima garantida pela pesca tradicional, não alterou necessariamente a estrutura demográfica das actividades nem multiplicou, portanto, o número de lares. Mas se o declínio, ligado à escassez de sardinha posterior aos ancs de trinta — embora mascarada pelo encarecimento e procura de conservas durante a guerra —, arrastou consigo uma quebra no desenvolvimento da população, a existência de um conjunto de factores favorável à instalação de indústrias modernas veio abrir nova fase de desenvolvimento, que é actual. As empresas fabris acorrem⁽⁹⁾ induzidas por uma mão-de-obra facilmente disponível e, sobretudo, por meios de afluência e de irradiação de matérias-primas e de mercadorias, assegurados pelo movimento rodoviário e principalmente pelo de um porto aberto à navegação maquinista, depois das obras iniciadas há mais de trinta anos.

Mas em face de um espaço a caminhar para a saturação demográfica e perante a natureza de funcionamento, que, em muitos casos, precisa aproveitar-se do contacto com elementos físicos (água, no caso da fábrica de papel, para escoar os detritos; material de pedreiras, no caso da de cimento, etc.), a instalação destas faz-se tanto quanto possível longe da cidade. A facilidade dos transportes quotidianos actuais permite, porém, que os operários e empregados utilizem uma residência urbana dissociada do local da fábrica onde trabalham. Em vez do desenvolvimento de arrabaldes, em larga escala, temos então, pelas necessidades crescentes de alojamento, a explosão em Setúbal dos bairros de prédios modernos, que abrange uma área muito mais dilatada do que a fotografia (de 1957) deixa supor. Quer sejam de rendas económicas, quer se destinem à utilização livre de apartamentos de prédios de andar, estes edifícios ganham a periferia imediata de Setúbal, organizando uma planta quadrangular, sobretudo a leste, onde extensas superfícies planálticas facilmente acessíveis por estrada-rua atraem a construção civil padronizada. A norte da vila, lado a lado do Bonfim, o loteamento de antigas quintas garante terreno em que medrar a mesma semente...

Uma fase urbana surge, pois, com a radicação da indústria, não na cidade mas na periferia imediata, e com o desenvolvimento das estradas e dos transportes automóveis. A face de Setúbal revela-o pelo

(9) Apesar de algumas ascenderem a vários decénios — a de cimentos a 1906, a SAPEC a 1926 —, a maioria é posterior a 1960, altura em que começa a fixar-se a de montagem de automóveis. É de 1964 a implantação da fábrica de celulose SOCEL, e de 1966 o aumento de capacidade de laboração da fábrica de cimentos. Podemos assim considerar esta industrialização de uma juventude que não atinge dez anos.

crescimento dos bairros residenciais e pelos nós de circulação rodoviária que articulam o trânsito interno ao externo. Este veicula, de forma nova, os produtos longínquos do Alentejo, rumo a Lisboa, e garante vitalidade às indústrias de Setúbal. Aquele define um conjunto de eixos periféricos à antiga vila e de inter-relação entre ela e os bairros limítrofes, que ganham uma expansão até então insuspeitada. Toda a materialização das funções urbanas é, pois, periférica ao centro da cidade. Os edifícios fabris já vimos como se geraram e a que correspondem; os serviços civis e quartéis distribuem-se pela Avenida Marginal Luísa Todi e pelo antigo Largo do Sapal. O comércio intensifica-se ao longo dos eixos de circulação rodoviária urbana, sobretudo aquele que está na dependência dela e cujos paradigmas são os restaurantes, os cafés, as bombas de gasolina.

As ruas da *vila* esvaziaram-se do conteúdo funcional que mesmo na época barroca tinham conservado: a segregação medieval de ofícios. Assim o revela a toponímia oral e é notável que o faça relativamente às ruas periféricas do núcleo antigo e não a estas, o que se compreende pela migração espacial das linhas de força que, não obstante, permaneceram imutáveis. Apenas a dos Ourives (*c*) mantém carácter arcaico, só aparente, porque a venda dos artigos específicos de há muito deixou de corresponder ao seu fabrico; pelo contrário, atraiu a maior parte do comércio urbano de vitrina. E, nas ruas que afluem ao Largo do Sapal, um pequeno comércio de vitualhas ou de artigos de consumo, mais ou menos imediato, define os contornos da zona de comércio interno.

II — LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA FOTOGRAFIA AÉREA NA ESCALA 1:5000.

Em resumo, a fotografia aérea totalmente composta para a este-reoscopia poderia revelar (¹⁰):

- 1 — o sítio e a forma da cidade;
- 2 — a sucessão cronológica de diferentes marcos de referência relativamente ao crescimento:
 - muralha seiscentista;
 - via férrea;
 - eixos e nós de circulação periféricos à vila antiga;
 - rodovias de circulação externa à cidade;
 - quadricula das ruas dos bairros modernos adaptadas ao trânsito rodoviário;
- 3 — a individualidade de diferentes sectores do espaço urbano:
 - vila;
 - bairros tradicionais: Palhais e Troino;
 - bairros recentes: Quebedo e Fontainhas;
 - bairros contemporâneos: «económicos»;

(¹⁰) Os três extractos que apresentamos a título de exemplo (est. II) possibilitam a visão de alguns espaços referidos nas alíneas 4 e 5.

- 4 — composição da vila através de formas justapostas que sugerem desenvolvimentos em épocas distintas:

- centro — integrador do núcleo e da Ribeira, elementos antigos, e da quadricula pós-medieval; são de considerar como referências: a variação de tamanho e de organização espacial das praças, o traçado dos principais eixos de comércio e o assento das principais igrejas;
- o eixo de desenvolvimento entre a vila e o Troino e a sua articulação com a primeira; note-se o traçado da Rua Direita do Troino e a continuidade relativamente à via longa do centro;
- a avenida marginal notavelmente extensa e conquistada por sucessivos aterros às baixas profundidades da baía; notem-se as docas que a orlam e a instalação de grandes edifícios ligados ao porto — alfândega e lota do peixe, por exemplo — ou dos serviços gerais — mercado e quartel; a ocidente, fábricas e estaleiros, na proximidade da doca dos pescadores;
- o crescimento recente, em quadricula, a norte da vila velha, digerindo a periferia rural próxima;

- 5 — a comparação relativa dos diferentes bairros periféricos:

- o Troino, constituído quase exclusivamente por casario organizado em torno da igreja, a sul, e da praça, à entrada, onde termina a Rua Direita proveniente da vila;
- Palhais, diminuto em extensão e quase digerido pelo jardim face à estação da segunda gare;
- Quebedo e Fontainhas, de área restrita e de casario entremeado de fábricas, são típicos bairros da primeira fase industrial da cidade;
- os bairros de rendas económicas, que surgiram a expensas das necessidades de instalação do operariado, conquanto sejam penetrados pela construção livre de prédios de apartamento, mantêm a traça geral de bairros de casas baixas e ligam-se à segunda fase da industrialização de Setúbal, cujas unidades se não localizam no seu espaço restrito.

Vê-se pois como, ao longo dos séculos, a cidade se expandiu em sentidos opostos, mas fundamentalmente na direcção da baía. Constituído-se a leste da ribeira do Livramento, alastrou até ao século XVIII naquele sentido, embora o aterro da Ribeira lhe tenha proporcionado terra firme onde expandir-se no sentido oposto. Só posteriormente, porém, às muralhas do século XVIII, se condensa o Troino na posição que hoje lhe conhecemos e se levanta o casario ao longo das artérias rectilíneas que o ligam à vila. Do final do século XIX a meados do actual data o crescimento dos bairros operários na vizinhança da muralha a leste e das estações do caminho de ferro. As fábricas, que se instalam tanto perto destas como do porto de pesca, vivem do operariado que, em

larga escala, se relaciona com as actividades tradicionais da pesca e do comércio portuário. Dos nossos dias é contudo o extravasar de Setúbal para fora do perímetro dos muros seiscentistas, através do crescimento de novos bairros operários e das construções da cidade, que retomou, com a segunda fase da indústria, o seu ritmo de crescimento acelerado.

MARIA ALFREDA CRUZ














BIBLIOGRAFIA SUMARIA

- COSTA, P.^o CARVALHO DA — *Corographia do Reino*, t. III, pp. 289-298, Lisboa, 1712.
- FLORIDI, VINCENZO — «Setúbal: Il Porto, La Pesca e Le Industrie», *Bollettino della Società Geografica Italiana*, N^o 4-6, pp. 173-225, Roma, 1968.
- GARCIA, FERNANDO — *A Physionomia de Setúbal — Estudo de Geografia Humana*, 47 pp., Setúbal, 1918.
- LOUREIRO, ADOLPHO — *Os Portos Marítimos de Portugal*, IV, 360 pp., Lisboa, 1909.
- MACEDO, JORGE DE — *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, 394 pp., Lisboa, 1963.
- RAU, VIRGÍNIA — *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal. Estudo de História Económica*, 206 pp., Lisboa, 1951.
- RIBEIRO, ORLANDO — «A Arrábida», *Revista da Faculdade de Letras*, t. IV, n.^{os} 1 e 2, pp. 51-131, Lisboa, 1937.
- SOUSA, F. L. PEREIRA DE — *O Terramoto do 1.^o de Dezembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico*, t. III, pp. 816-832, Lisboa, 1923.


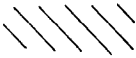

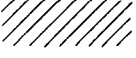

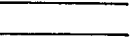
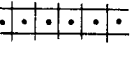
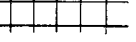
DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Fig. 3 — Organização do espaço urbano.

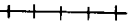
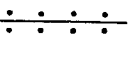

Elementos morfológicos

-  Praça medieval.
-  Largo.
-  Nó de circulação rodoviária.
-  Rua antiga.
-  Rua de circulação rodoviária.
-  Estrada-rua.
-  Estrada.
-  Caminho de ferro.
-  Espaços verdes (principais).
-  Muralha seiscentista.
-  Edifícios religiosos.
-  Cemitério.
-  Edifício público.

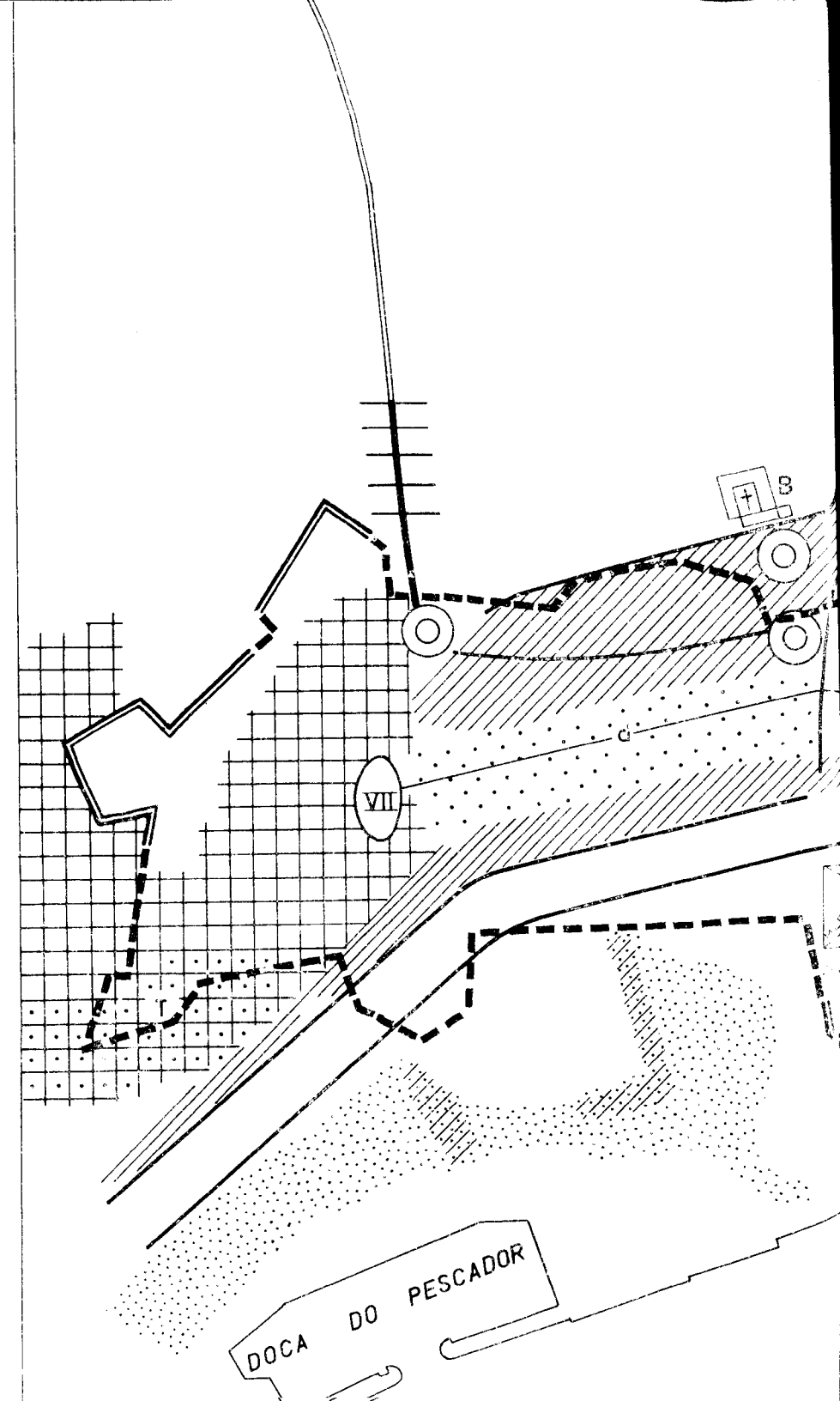
Estrutura morfológica

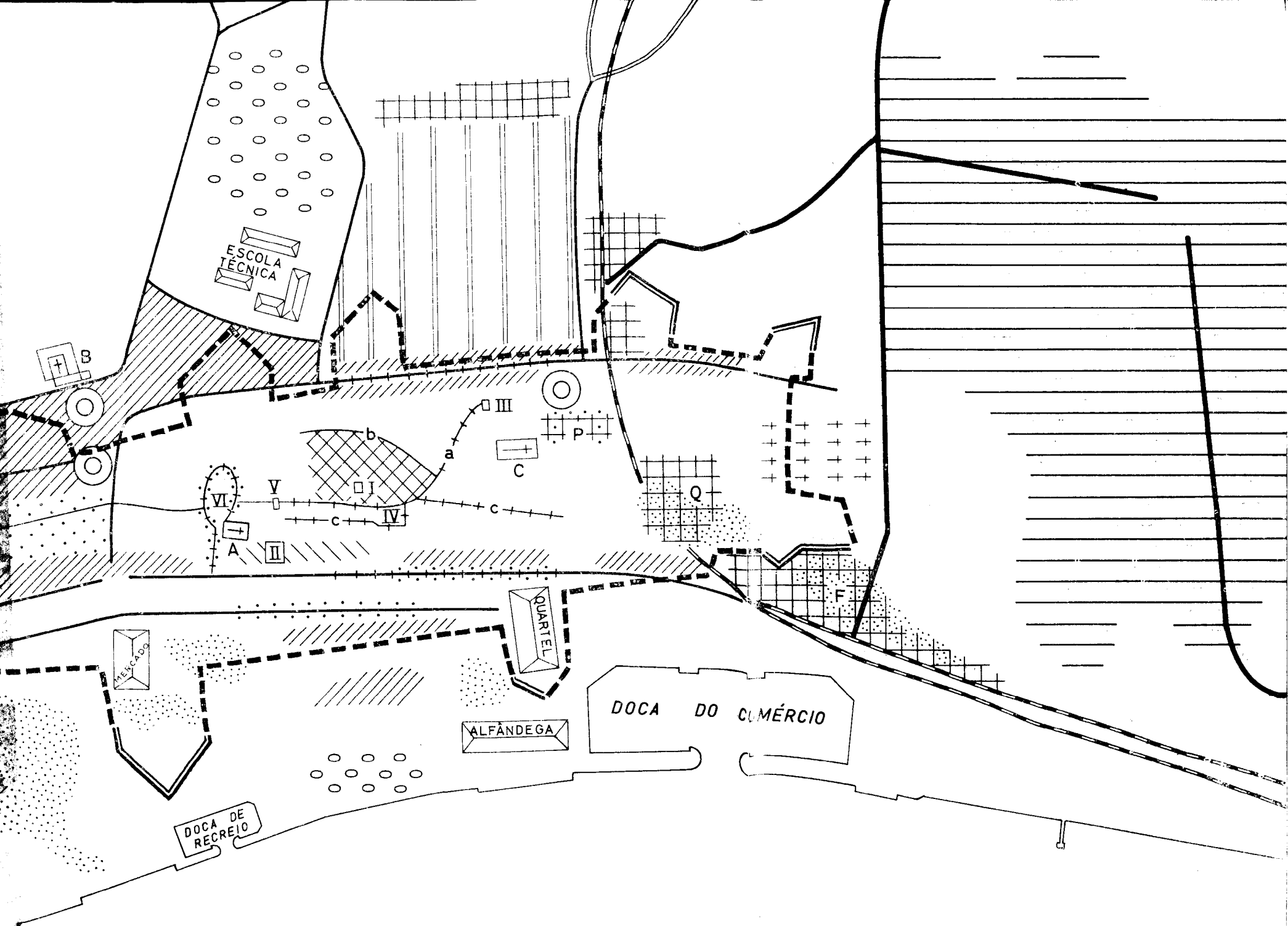
-  Núcleo medieval.
-  Ribeira.
-  Crescimento urbano do período barroco.
-  Crescimento urbano dos últimos cem anos, adjacente ao centro da vila.
-  Urbanização da periferia rural.
-  Bairros de renda económica.
-  Bairros tradicionais antigos.
-  Bairros do final do século XIX.

Distribuição no espaço das principais funções

-  Comércio arruado.
-  Serviços colectivos arruados.
-  Areas de penetração fabril.

- I. Praça do núcleo.
 - II. Praça da Ribeira Velha.
 - III. Praça do Poço do Concelho.
 - IV. Praça da Misericórdia.
 - V. Praça.
 - VI. Largo do Bocage.
 - VII. Largo da Anunciada.
- a. Ruas antigas da vila.
 - b. Rua comercial da vila renascentista e barroca.
 - c. Rua Direita do Troino
 - d. Rua Direita do Troino
- P. Palhais.
 - T. Troino.
 - Q. Quebedo.
 - F. Fontainhas.
 - A. Igreja de S. Julião.
 - B. Convento de Jesus.
 - C. Igreja de Santa Maria da Graça.









0 500 m

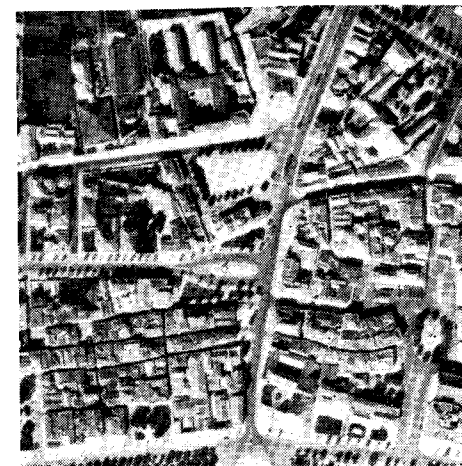
ESTAMPA I

EST. II

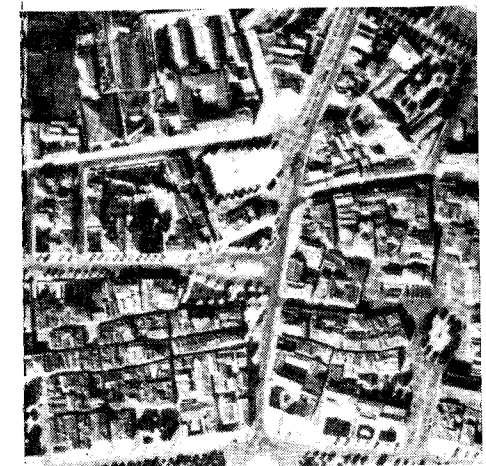
1. Núcleo antigo e expansão pós-medieval enquadrados por eixos rodoviários. Cf. com estampa I e notem-se as ruas a, b, c e as praças de I a v.
2. Conexão entre o Largo Bocage e o crescimento barroco. Cf. com estampa I e note-se a posição de d relativamente ao Largo (VI).
3. Troino: muralhas seiscentistas e Largo da Anunciada (VII da est. I).



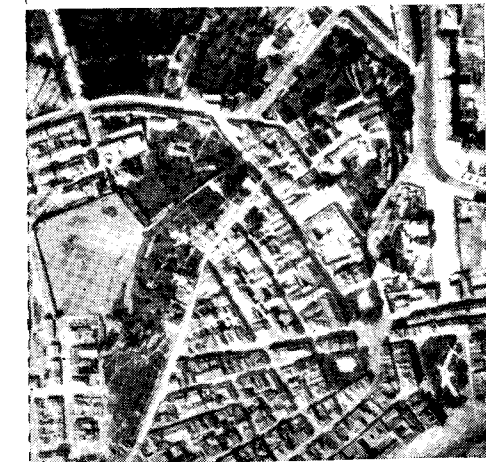
1



2



3



Para uma visão estereoscópica normal as fotografias dão leitura correcta quando se dobre a página pelos pontilhados até obter a junção. Variando a dobragem, podem obter-se os ângulos de visão desejados.